

## **O PADRÃO DE PRODUÇÃO DA MANUFATURA A GRANDE INDÚSTRIA: DIVISÃO DO TRABALHO, ALTERAÇÃO NA FORMAÇÃO DO TRABALHADOR E A SUBMISSÃO DO TRABALHO AO CAPITAL**

<sup>i</sup>Jane Marinho da Silva – PPGE/UFAL – E-mail: [janemarinho.s@hotmail.com](mailto:janemarinho.s@hotmail.com)

<sup>ii</sup>Joana D'Arc Ferreira de Macedo – PPGE/UFAL – E-mail: [macedojoana@hotmail.com](mailto:macedojoana@hotmail.com)

### **RESUMO**

O trabalho ora apresentado é fruto de estudos e reflexões acerca das mudanças ocorridas na organização social do trabalho. O objetivo é mostrar como o trabalho deixou de ser apenas intercâmbio orgânico com a natureza para satisfazer as necessidades humanas, criação prazerosa do mundo dos homens, para se tornar num fardo na sociedade capitalista. A partir de Marx (1996) estudamos as alterações ocorridas na organização social do trabalho, bem como as modificações na formação do trabalhador. Para analisarmos essas transformações se fez necessário apreender a forma de produção manufatureira, primeira forma de produzir do capital, bem como o processo de produção na grande indústria. O primeiro método é importante por revelar primeiras alterações na organização social do trabalho e na formação do trabalhador e o segundo por consolidar a subsunção real do trabalho ao capitalista.

Palavras-chave: Trabalho. Manufatura. Grande indústria.

### **RESUMEN**

El trabajo presentado es fruto de estudios y reflexiones sobre los cambios ocurridos en la organización social del trabajo. El objetivo es exponer como el trabajo perdió el intercambio orgánico con la naturaleza para satisfacer las necesidades humanas, creación placentera de los hombres, para volver en fardo en la sociedad capitalista. A partir de Marx (1996) estudiamos las alteraciones ocurridas en la organización social del trabajo, de este modo, como las modificaciones en la formación del trabajo. Para la análisis de esas transformaciones se hizo necesario aprehender la forma de producción manufacturera, primera forma de producir del capital, también el proceso de producción en la grande industria. El primero método es importante por revelar primeras alteraciones en la organización social del trabajo y en la formación del trabajo y el segundo por consolidar a subsunción real del trabajo al capital.

Palabras claves: Trabajo, Manufatura, Grande industria.

## Introdução

O artigo ora apresentado tem como objetivo mostrar o trabalho na formação da sociedade capitalista, em particular na produção da manufatura e da grande indústria. Dessa forma, o texto mostra como o trabalho e a formação do trabalhador foi aletrada nesta sociedade.

No entanto, mesmo havendo modificações na organização do trabalho na sociedade capitalista, o trabalho enquanto condição universal do metabolismo entre homem e a natureza, existe em qualquer formação social. Sendo o trabalho a categoria fundante do ser social, se faz necessário apresentar o mesmo enquanto tal.

O trabalho é a categoria fundante do mundo dos homens, ele é um processo entre o homem e a natureza é através dele que o homem, medeia, regula e controla o metabolismo da natureza a seu favor. Marx afirma que:

[...] o trabalho é um processo entre o homem e a Natureza, um processo em que o homem, por sua própria ação, media, regula e controla seu metabolismo com a Natureza. Ele mesmo se defronta com a matéria natural como uma força natural. Ele põe em movimento as forças naturais pertencentes a sua corporalidade, braços e pernas, cabeça e mão, a fim de apropriar-se da matéria natural numa forma útil para sua própria vida. Ao atuar, por meio desse movimento, sobre a Natureza externa a ele e ao modificá-la, ele modifica, ao mesmo tempo, sua própria natureza. Ele desenvolve as potências nela adormecidas e sujeita o jogo de suas forças a seu próprio domínio. [...]. (1996, p. 297).

No processo de trabalho o homem domina a natureza a partir da transformação da matéria natural, natureza, em determinado objeto para atender a sua necessidade, ou seja, ele subordina a natureza a sua vontade. Mas o homem não faz isso de forma irracional, antes de criar qualquer objeto primeiramente ele idealiza o mesmo na sua mente. Segundo Marx (1996) o que diferencia o pior arquiteto da melhor abelha é a consciência, pois ao final do processo de trabalho o trabalhador alcança um resultado que previamente já existia na sua imaginação.

O trabalho existe em qualquer formação sócio-histórica, ele é historicamente determinado, é a condição da existência humana. Neste sentido Teixeira (1995, p. 49) afirma que o trabalho: “[...] é portanto, o pressuposto ontológico-fundante da sociabilidade, isto é, o fundamento das diversas formas pelas quais os homens organizam a produção e distribuição da riqueza social”.

A partir de um dado momento histórico o trabalho deixou de ser apropriação natural do homem sobre a natureza para se transformar num gerador de excedente. Nesse novo processo

de produção o trabalhador foi aos poucos sendo expulsos de suas terras e desprovidos dos meios de produção, restando-lhe apenas a sua força de trabalho para continuar garantindo a sua existência.

Anteriormente o trabalhador produzia determinada mercadoria e a trocava por outra no mercado, agora ele próprio passa a ser uma mercadoria, que precisa vender seu trabalho em troca de um salário. Nesse sentido, há uma diferença fundamental entre o trabalho enquanto fundamento ontológico, base de reprodução humana, condição de existência do homem, que se apropria da natureza para atender as necessidades; e o trabalho enquanto processo de valorização, que utilizado sob o domínio da capital o trabalhador não tem mais nem o controle nem a produção. Constituindo, a forma de ser capitalista é produzir trabalho alheio, e para continuar expropriando o trabalho a seu serviço precisou efetuar mudanças no processo de produção, uma vez que só o fato de dispor de um determinado grupo de trabalhador não lhe fornecia os lucros necessários e desejosos, nesse sentido o capitalista incumbiu-se de promover a divisão do trabalho, alterou a formação do trabalhador, incrementou os meios de produção, reduziu o tempo de trabalho necessário, aumentou o mais trabalho. Isso foi possível através das mudanças nos métodos produtivos que foram surgindo na produção capitalista, como a manufatura e a grande indústria.

A incessante empreitada do capitalista em prol de baratear as mercadorias vai desencadear em “métodos particulares de produção da mais-valia relativa”, que inicia com a forma de produzir na manufatura e generaliza-se na grande indústria<sup>1</sup>. A seguir apresentaremos como esses métodos foram implantados e as consequências que eles trouxeram para a classe trabalhadora. Para isso foi necessário estudar a obra de Marx<sup>2</sup> que trata especificamente da temática discutida.

### **Divisão, controle e unilaterização do trabalho na Manufatura**

O modo de produção manufatureiro teve início no século XVI e durou até o “último terço do século” XVIII, ele é um método de produção coletivo constituído a partir do artesanato; a manufatura não se limita a reunir trabalhadores num mesmo local de trabalho, sob o comando de um capitalista, mas é uma forma de produção marcada pela divisão do trabalho, isso não significa dizer que ela introduziu a divisão do trabalho na sociedade. A

---

<sup>1</sup> Apesar do modo de produzir capitalista não findar nesses métodos de produção, esse trabalho tem por finalidade exibir e discutir as formas de produção da manufatura e da grande indústria.

<sup>2</sup> O capital: crítica a economia política, livro 1 volume I e II.

divisão do trabalho já ocorria nas comunidades primitivas, entretanto, era uma divisão natural do trabalho, em que as tribos produziam de acordo com as condições materiais, essa divisão do trabalho dentro das tribos acontecia pela necessidade da organização das atividades, assim o trabalho era dividido entre homens, mulheres e crianças. Ainda havia a divisão de produção entre as tribos, dessa forma cada uma se especializava na produção de determinada mercadoria, que passou a ser trocadas entre elas. Diferente desta divisão, a manufatura inova ao inaugurar a fragmentação do trabalhador e ao introduzir o trabalho combinado.

A produção na manufatura é organizada de dois modos, de um lado ela concentra artífices em oficinas produzindo a mesma mercadoria; de outro ela une trabalhadores autônomos que desenvolvem trabalhos diferenciados no mesmo local de trabalho num processo de trabalho combinado, mas logo surge a necessidade de racionalizar a produção, por este motivo o trabalho do artesão é dividido em ofícios parciais, que irão se completar no processo de trabalho.

Segundo Marx (1996) a manufatura origina-se de modo duplo, nesse sentido ele elucida:

De um lado, ela parte da combinação de ofícios autônomos de diferentes espécies, que são despidos de sua autonomia e tornados unilaterais até o ponto em que constituem apenas operações parciais que se complementam mutuamente no processo de produção de uma única e mesma mercadoria. De outro lado, ela parte da cooperação de artífices da mesma espécie, decompõe o mesmo ofício individual em suas diversas operações particulares e as isola e as torna autônomas até o ponto em que cada uma delas torna-se função exclusiva de um trabalhador específico. [...]. (1996, p. 455).

Isso aconteceu devido à necessidade de elevação da produção, por esse motivo os ofícios foram divididos em atividades parciais, em que cada trabalhador passou a desempenhar uma função exclusiva no processo combinado de produção. Essa divisão acidental do trabalho se generalizou por conta da necessidade do capital de aumentar a produção de mercadoria numa mesma escala de tempo, o trabalho foi dividido:

[...] O trabalho é por isso dividido. Em vez de o mesmo artífice executar as diferentes operações dentro de uma seqüência (*sic*) temporal, elas são desprendidas umas das outras, isoladas, justapostas no espaço, cada uma delas confiada a um artífice diferente e todas executadas ao mesmo tempo pelos cooperadores. Essa divisão acidental se repete, mostra suas vantagens peculiares e ossifica-se pouco a pouco em divisão sistemática do trabalho. [...]. (MARX, 1996, p. 454).

A divisão do trabalho mostra resultado, assim o trabalhador que antes executava todo o processo de fabricação de um determinado produto vai perdendo essa capacidade na manufatura. Ele perde a dimensão do seu trabalho se transforma em um especialista, que

produz apenas parte do produto. Segundo Marx (Idem, p. 455), um trabalhador “o qual executa a sua vida inteira uma única operação simples, transforma todo o seu corpo em órgão automático unilateral dessa operação”. Esse método de produção termina especializando o trabalhador em uma função unilateral e o torna exclusivo de uma função parcial.

A forma de produção da manufatura, onde o trabalhador executa a mesma função parcial para sempre acaba o transformando em um especialista de atividades unilaterais, nesse sentido seu tempo de aprendizagem é diminuído, pois diferente do artesão que antes produzia a mercadoria por completo, agora o trabalhador só precisa saber fazer parte dela. Pois o processo de repetição de seu trabalho acaba contribuindo para o aperfeiçoamento da atividade.

Assim a manufatura inicia a forma de produzir capitalista, alterando a organização da produção social, transformando o trabalho artesanal em “operações parciais”, num processo de trabalho em que cada trabalhador combinado é responsável por parte da produção de um produto.

Na manufatura buscava-se diminuir o tempo de trabalho necessário para aumentar o tempo de trabalho do trabalhador. Quando apenas um artesão é responsável pela produção completa de determinada mercadoria ele gasta mais tempo para produzi-la, esse tempo é desperdiçado pela interrupção do trabalhador durante a produção, pois ora ele necessita trocar de ferramenta, ora de posição. Exige ainda habilidade, precisão, concentração. No entanto, quando essa atividade é dividida o trabalhador desenvolve o mesmo grau de perfeição na produção das partes da mercadoria, como também evita dispêndio de força de trabalho, pois estará concentrado apenas em uma atividade parcial.

A divisão do trabalho e a especificação parcial do trabalhador implicam na produção de ferramentas específicas para cada atividade de trabalho, dessa forma o instrumento, ferramenta de trabalho, torna-se particular de cada trabalhador. O período manufatureiro “diversifica os instrumentos de trabalho, mediante sua adaptação às funções exclusivas particulares dos trabalhadores parciais”. (MARX, 1996).

A manufatura possui duas formas de produzir que se combinam, mas que são fundamentalmente distintas. Segundo Marx (1996, p. 458),

Esse caráter duplo origina-se da natureza do próprio produto. Este ou se constitui por composição meramente mecânica de produtos parciais autônomos ou deve sua figura acabada a uma seqüência (*sic*) de processos e manipulações conexas.

A forma heterogênea de produção se dá com o fracionamento da produção. Segundo nosso autor, a produção heterogênea só acontece em contextos excepcionais, em que trabalhadores entre si irão concorrer para trabalhar para o capitalista de forma autônoma, produzindo mercadorias na sua própria casa. Neste caso, “[...] o fracionamento da produção em numerosos processos heterogêneos permite pouco emprego de meios coletivos de trabalho e o capitalista com a fabricação dispersa poupa as despesas com edifícios fabris etc.” (MARX, 1996, p. 459).

A outra forma de produzir da manufatura se constitui como um processo completo onde se encontra diversos tipos de trabalhos que são conectados gradativamente numa sequência de produção. Nesse processo de produção o capitalista necessita liberar capital para manter a oficina, local de trabalho, mas ganha tempo na produção, uma vez que conseguiu unir no mesmo espaço trabalhos que eram anteriormente desconexos, encurtando assim as etapas de produção da mercadoria, dessa maneira, “[...] o tempo de sua passagem de um estágio a outro é reduzido, do mesmo modo que o trabalho que media essa passagem. Em comparação com o artesanato ganha-se assim força produtiva [...]”. (Idem, p.460).

O desenvolvimento do trabalho coletivo e a conseqüente divisão do trabalho fez do trabalhador a máquina de produção da manufatura, onde as habilidades e as qualidades dos mesmos foram justapostas e aperfeiçoadas no processo de produção, tornando o trabalhador unilateral e eficiente no processo produtivo, pois ele só serve para desempenhar um papel, ele tornou-se refém de sua própria especificação, como um órgão qualquer, semelhante ao organismo humano, serve apenas para desenvolver uma função.

Com a introdução do modo de produzir capitalista na manufatura o trabalho individual do artesão passa a ser subdividido, agora o trabalho pertence ao capitalista, ele o comprou e já lhe pertence, o trabalhador tem que trabalhar para o capital, dessa forma: “[...] a manufatura propriamente dita submete o trabalhador, outrora independente, às ordens e à disciplina do capital [...]”. (GORZ, 1996, p. 25).

Diferente do modo de produzir anterior à sociedade capitalista a manufatura se caracteriza pela decomposição da atividade do trabalhador no processo de trabalho, sobre isso Marx assevera:

[...] a manufatura o revoluciona pela base e se apodera da força individual de trabalho em suas raízes. Ela aleija o trabalhador convertendo-o numa anomalia, ao fomentar artificialmente sua habilidade no pormenor mediante a repressão de um mundo de impulsos e capacidades produtivas [...]. (1996, p. 474).

Com a atividade dividida o trabalhador só consegue confeccionar um produto se estiver conexo com outros trabalhadores; o trabalhador perde a capacidade inventiva e a autonomia natural de produzir, para se tornar num trabalhador que só consegue realizar seu trabalho de forma combinada. Dessa forma:

[...] a divisão manufatureira do trabalho opõe ao trabalhador as forças intelectuais do processo material de produção como uma propriedade exterior a ele, uma força que o domina. Esta cisão começa na cooperação simples em que o capitalista representa, perante cada trabalhador isolado, a unidade e a vontade do corpo de trabalho social; desenvolve-se na manufatura, que faz do trabalhador uma parcela de si mesmo [...]. (GORZ, 1996, p. 26).

Segundo Gorz (1996) a manufatura transforma o trabalhador em um instrumento de trabalho que só pode atuar de forma combinada para o capitalista. Pois, ao perder os “meios necessários materiais à produção de uma mercadoria”, o trabalhador foi obrigado a vender sua força de trabalho para o capitalista; “agora, sua força de trabalho individual recusa qualquer serviço se não estiver vendida ao capital. Ela só funciona num conjunto resultante da sua venda, na oficina do capitalista” (Idem, 1996). O trabalhador torna-se incapaz de realizar sua condição natural, de trabalhador independente.

A divisão do trabalho na manufatura provoca mudanças na organização social do trabalho, sobre isto Marx (1996, p. 478) assevera:

A divisão manufatureira do trabalho cria, por meio da análise da atividade artesanal, da especificação dos instrumentos de trabalho, da formação dos trabalhadores especiais, de sua agrupação e combinação em um mecanismo global, a graduação qualitativa e a proporcionalidade quantitativa de processos sociais de produção, portanto determinada organização do trabalho social, e desenvolve com isso, ao mesmo tempo, nova força produtiva social do trabalho. [...].

Segundo Marx (1996, p. 447) ainda que essa nova força produtiva social apareça como um progresso histórico necessário ao desenvolvimento econômico da sociedade, ela não deixa de ser um meio de exploração civilizada e refinada sobre o trabalhador.

A manufatura amplia a sua capacidade de produção ao construir as próprias ferramentas<sup>3</sup>, que culminaram na criação de alguns aparelhos mecânicos. Mas a base da manufatura continuou sendo artesanal. Este fato se tornou um empecilho para o capitalista se apropriar do tempo total da força de trabalho e da riqueza social, assim as limitações técnicas,

---

<sup>3</sup> Com a divisão do trabalho artesanal foi necessário criar ferramentas específicas para o trabalho unilateral de cada trabalhador.

históricas e científicas necessitaram ser superadas. O capitalista não mediu esforços para reprimir toda a produção a seu favor, através da extração total da força de trabalho. Para isso revolucionou o método de produzir e avançou na exploração de mais-valia relativa.

### **Grande indústria: consolidação do modo de produzir capitalista e a subsunção do trabalho ao capital**

A maquinaria como qualquer “desenvolvimento da força produtiva do trabalho” na sociedade capitalista tem como finalidades: produção de mais-valia, aumento da produção de mercadorias e maior exploração do trabalhador. Essas finalidades são alcançadas quando a máquina consegue obter extraordinário aumento na produção devido à diminuição da jornada de trabalho que o trabalhador produz para si e o aumento do mais trabalho, em que o trabalhador produz gratuitamente para o capital.

A revolução industrial iniciada na Inglaterra em meados do século XVIII se deu pela transformação das ferramentas de trabalho em máquinas, ou seja, com o revolucionamento do modo produzir, pois antes dela o trabalho se dava de forma manual e artesanal.

Segundo Marx toda a maquinaria desenvolvida constitui de três partes fundamentalmente distinta, assim tem-se a máquina motriz que atua como força motora de todo o mecanismo e produz a sua própria força como a máquina a vapor, ou que recebe impulso de uma força fora dela; o mecanismo de transmissão que são os volantes, eixos, rodas dentadas, barras, cabos, etc. O referido autor certifica que essas duas partes do mecanismo só existem para transmitir o movimento à máquina-ferramenta, e que por meio dela se apodera e modica o objeto de trabalho (MARX, 1996, p. 8-9).

Com a revolução industrial acontece a substituição do trabalhador que manejava no trabalho apenas uma ferramenta, por um “mecanismo” que opera com aglomeração de ferramentas “iguais ou semelhantes de uma só vez, e que é movimentada por uma única força motriz” (MARX, 1996, p. 11). Com essa modificação no processo de produção o homem deixa de manejar as ferramentas no seu trabalho para se tornar em um mero apêndice da máquina.

Marx afirma que a máquina-ferramenta é um elemento simples da produção mecanizada, pois apesar de ter aglomerado ferramentas ainda não havia conquistado sua independência, uma vez que ainda necessitava da força motriz humana, ou de outra qualquer como, vento, água, etc. Por isso, a máquina só pode ser considerada totalmente independente



depois de ter se emancipado do homem; depois que ela começou a caminhar com suas próprias pernas.

Na manufatura a atividade produtiva podia ocorrer de duplo modo, com a aglomeração de trabalhadores desenvolvendo a mesma atividade e com ajuntamento de trabalhadores de ofícios distintos desenvolvendo trabalhos combinados, com a maquinaria acontece um processo semelhante que Marx denominou de cooperação de muitas máquinas da mesma espécie num sistema de máquinas.

Na cooperação de muitas máquinas da mesma espécie o produto é feito por completo pela mesma máquina, ela faz todo o trabalho que outrora era executado pelo trabalhador. Já as máquinas que operam em sistemas de máquinas o objeto não é feito apenas em uma única máquina, ao contrário, “[...] objeto de trabalho percorre uma seqüência (*sic*) conexa de diferentes processos graduados, que são realizados por uma cadeia de máquinas-ferramentas diversificadas, mas que se complementam mutuamente. [...]” (MARX, p. 14).

Quanto menos interrupção no processo de produção à máquina promover, mais matéria-prima ela consegue processar, por isso quanto menos ela passar por mãos humanas, mais produz. Transfere-se o controle do processo de trabalho para a máquina.

Para o revolucionamento da indústria a produção de máquinas necessitava extrapolar a barreira artística da produção artesã e manufatureira. Por isso a revolução só aconteceu de fato quando à máquina passou a ser produzida por outras máquinas. Assim, “a grande indústria teve, portanto, de apoderar-se de seu meio característico de produção, a própria máquina, e produzir máquinas por meio de máquinas. Só assim ela criou sua base técnica adequada e se firmou sobre seus próprios pés. [...]”. (MARX, 1996, 19). No entanto, isso só foi possível porque a ciência e a tecnologia passaram a ser empregadas na construção de máquinas, parece-se que o uso da ciência e da tecnologia estava<sup>4</sup> a serviço do capital.

A máquina passou a executar todo o trabalho que antes era realizado pelos artesãos e pelos trabalhadores que trabalhavam de forma combinada na oficina. Ela criou seu próprio sistema de produção e os trabalhadores foram reduzidos a meros assistentes da máquina; eles não precisam mais refletir, estão a serviço do autômato.

Se a maquinaria não fosse empregada da forma como é na sociedade capitalista, traria benefícios para o ser humano, se ela não fosse utilizada apenas como meio do capitalista explorar cada vez mais o trabalhador e os recursos naturais ela seria uma importante aliada do

---

<sup>4</sup> O uso da ciência estava e está a serviço do capital, mas nesse momento isso é mais evidente, porque o capitalista buscava encontrar um meio eficaz de explorar mais o trabalhador, pagar menos por isso e ainda expandir a produção.

homem no seu desenvolvimento social, humano e espiritual. Mas, na mão do capitalista ela se transformou no mais terrível meio de exploração do trabalhador.

Desprendida da necessidade da força muscular e adaptada a um “desenvolvimento corporal imaturo” para o processo de trabalho a primeira palavra de ordem da indústria segundo Marx (1996) foi introduzir o trabalho de crianças e mulheres na produção, assim o capitalista descobriu um,

[...] poderoso meio de substituir trabalho e trabalhadores transformou-se rapidamente num meio de aumentar o número de assalariados, colocando todos os membros da família dos trabalhadores, sem distinção de sexo nem idade, sob o comando imediato do capital. [...]. (MARX, 1996, p. 28).

Com a diminuição do valor da força de trabalho o trabalhador é coagido a inovar, agora além de vender a sua força de trabalho, ele também precisa vender a força de trabalho de sua família. O barateamento do seu salário não condiz mais com as necessidades existenciais do mesmo e de sua família. Com a introdução da família do trabalhador na fábrica o capital compra quatro forças de trabalho mais paga apenas uma.

Com a introdução das mulheres no trabalho fabril há uma enorme mortalidade infantil entre as crianças das trabalhadoras. As crianças também são obrigadas a enfrentar períodos longos de trabalho, é incrível, mas Marx relata a introdução de crianças muito pequenas no trabalho, crianças de três anos de idade, sem nenhuma maturidade, são introduzidas na produção com a seguinte condição: produzir mais-valia relativa.

Partindo do pressuposto que a mais-valia só se origina do capital variável, e que mesmo assim o capitalista substitui um número elevado de trabalhadores por máquinas para aumentar a produção, poderia se pensar o inverso, que seria o capital constante que cria mais-valia relativa. Ao contrário disto, conforme Marx o que determina a produção de mais-valia não é a troca de um capital por outro, mas capacidade que a maquinaria concede ao capitalista de diminuir o trabalho necessário e aumentar do sobre trabalho; a maquinaria é importante porque possibilita a diminuição do número de trabalhadores ao mesmo tempo em que aumento do mais trabalho na produção. Segundo Marx a aplicação da máquina na produção de mais-valia acaba gerando uma contradição:

[...] na aplicação da maquinaria à produção de mais-valia, uma contradição imanente, já que dos dois fatores da mais-valia que um capital de dada grandeza fornece ela só aumenta um, a taxa de mais-valia, porque reduz o outro fator, o número de trabalhadores. [...]. (1996, p. 40)

O aumento desmedido da jornada de trabalho causado pela maquinaria que produz na mão do capitalista provocou a revolta da classe trabalhadora operária, numa reação de protesto, a classe passou a exigir do Estado uma jornada de trabalho normal, e o Estado temendo o agravamento do embate cedeu à pressão da classe trabalhadora. E assim se instituíram as Leis Fabris. Segundo Marx a redução da jornada para 12 horas na Inglaterra data de 1832. Depois a jornada de trabalho passou para 10 horas.

Consequentemente, com jornada de trabalho normal, o capitalista temendo perder a produtividade tratou logo de intensificar a produção. A intensificação ocorre mediante o aperfeiçoamento da máquina; através do aprimoramento maquinário o ritmo de trabalho passou a ser mais acelerado, o que acarretou na produção de mais-valia relativa para o capital e um agravamento na saúde do trabalhador. Dessa forma, “a máquina, na mão do capitalista, transforma-se no meio objetivo e sistematicamente aplicado de espremer mais trabalho no mesmo espaço de tempo” (MARX, 1996, p. 45).

Se a manufatura inaugura a divisão do trabalho como meio de aumentar a produção, uma vez que cada trabalhador se especializa em uma função, na indústria essa divisão é meramente uma distribuição dos trabalhadores entre as máquinas. Sobre isto Marx (1996) afirma que há um nivelamento entre os trabalhadores, não há distinção entre os mesmos, a diferença se dá apenas entre aqueles que estão efetivamente ocupados com a máquina, e os ajudantes desses trabalhadores que têm como função exclusiva o suprimento de material. Ao lado dessa classe denomina como principal por Marx (1996) no processo de produção aparece os profissionais, em número insignificante, que são responsáveis por controlar e reparar a máquina, são eles engenheiros, mecânicos, etc.

Na manufatura a divisão do trabalho se dava pela a função específica de cada trabalhador formando um trabalho combinado, dessa forma a matéria-prima passava pelas mãos de cada trabalhador parcial até se tornar um produto, na indústria há uma divisão entre os trabalhadores em que grupos trabalham de forma combinada, operando máquinas especializadas; acontece uma significativa transformação, qualquer trabalhador pode fazer parte de qualquer grupo de trabalho, visto que na fábrica a produção não parte do trabalhador e sim da máquina, nesse caso o grupo de trabalho pode ser a qualquer momento substituído. Sobre isto Marx (1996, p. 55) escreve:

[...] Da especialidade por toda a vida em manejar uma ferramenta parcial surge, agora, a especialidade por toda a vida em servir a uma máquina parcial. Abusa-se da maquinaria para transformar o próprio trabalhador, desde a infância, em parte de uma máquina parcial.

Com a sujeição total à máquina o trabalhador “agride seu sistema nervoso”, confisca sua capacidade “corpórea e espiritual” (Idem, 1996); perde a capacidade inventiva, aprende a operar qualquer máquina em um curto espaço de tempo, aleija sua capacidade reflexiva e se torna totalmente submisso a máquina; o trabalhador deixa de usar as condições de trabalhos e passa a ser usado por elas.

A “subsunção real ao capital” confirma a autoridade do capitalista não só sobre o trabalho do operário, mas condiciona a sua própria existência; o capital naturaliza o poder da burguesia sobre a classe trabalhadora ao criar o seu próprio exercito de trabalho, o emprega da forma como mais lhe convém.

A sociedade capitalista que outrora condicionou para sempre a classe trabalhadora como uma mera vendedora de força de trabalho, e que posteriormente transformou o ofício do mesmo em habilidade completamente unilateralizada, agora por meio da maquinaria se descaracteriza o trabalhador, pois ao substituí-lo pela máquina, o capitalista desapropria e generaliza as funções do operário, o mesmo perde seu valor de troca e “torna-se invendável, como papel-moeda posto fora de circulação”. (MARX, 1996). Como seu trabalho não é mais necessário para autovalorização do capital, a classe que teve seu trabalho parcelado – na manufatura – em diferentes especialidades perde a sua particularidade de “manejar uma ferramenta parcial”; os trabalhadores se igualam, com isso abarrotam o mercado de trabalho causando o rebaixamento do valor da força trabalho. Nessa condição de vida pauperizada o trabalhador agora não só se vende ao capital por um preço abaixo do seu valor, mas também vende toda a sua família (Idem, 1996).

O sistema capitalista não mede esforços para avançar na produção, primeiro ele desapropriou o trabalhador de suas terras e de seus meios de produção, depois ele o aleijou, ao transformar seu ofício em operações parciais e para completar a obra o capital coloca o operário a serviço da máquina.

Por meio do revolucionamento da produção social milhares de trabalhadores perderam seu espaço no mercado de trabalho, uma vez que a produção manufatureira foi sendo substituída pela produção fabril; com o florescimento das máquinas não fazia mais sentido continuar com essas formas de produção. Além do mais as jornadas de trabalho passaram a ser regularizadas pelo Estado, como também as condições de trabalho das crianças e jovens. Segundo Marx (1996, p. 104):

A regulamentação obrigatória da jornada de trabalho, estabelecendo duração,

pausas, início e término, o sistema de turnos para crianças, a exclusão de todas as crianças abaixo de certa idade etc., torna necessária, por um lado, mais maquinaria e a substituição de músculos por vapor como força motriz.

Necessitando produzir em quantidades maiores, a única saída para o capitalista continuar lucrando sob a exploração humana, é introduzindo cada vez mais maquinaria, para assim poder produzir em tempo menor o que produzia anteriormente. O estabelecimento da jornada de trabalho alavancou a introdução maciça de máquinas em vários ramos da produção.

As leis fabris se tornaram não só um meio de limitar a jornada de trabalho, mas também um dos meios mais cobertos de banir os “animais” dos diversificados trabalho. Elas também proclamaram as condições de trabalho diferenciadas para as crianças; instrução primária como condição para o trabalho; asseverou sobre a necessidade de higiene no local de trabalho. Como também contribuiu para acelerar a concorrência entre os capitalistas, e conseqüente retração dos mesmos. Sobre a regulamentação das Leis Fabris Marx (1996, p. 130) expõe:

Se a generalização da legislação fabril tornou-se inevitável como meio de proteção física e espiritual da classe operária, ela, por outro lado, generaliza e acelera [...] a metamorfose de processos de trabalho esparsos realizados em pequena escala em processos de trabalho combinados e em larga escala social, portanto a concentração do capital e o domínio exclusivo do regime de fábrica. Ela destrói todas as formas antiquadas e transitórias, atrás das quais a dominação do capital ainda se esconde em parte, e as substitui por sua dominação direta, indisfarçada. [...].

Se no início da produção maquinaria a força de trabalho poderia ser imatura, com o aperfeiçoamento da máquina passa-se a exigir trabalhadores mais qualificados e aptos a manipular qualquer máquina. O perfil do trabalhador tem que ser mudado: “o indivíduo-fragmento, o mero portador de uma função social de detalhe, pelo indivíduo totalmente desenvolvido, para o qual diferentes funções sociais são modos de atividade que se alternam” (MARX, 1996, p. 116).

Na manufatura o trabalhador era portador de um ofício e dele dependia até o fim da sua vida, mas como na introdução da indústria o trabalhador está a mercê da máquina, cai o véu da função eterna parcializada:

[...] A indústria moderna nunca encara nem trata a forma existente de um processo de produção como definitiva. Sua base técnica é, por isso, revolucionária, enquanto a de todos os modos de produção anteriores era essencialmente conservadora. Por meio da maquinaria, de processos químicos

e de outros métodos, ela revoluciona de forma contínua, com a base técnica da produção, as funções dos trabalhadores e as combinações sociais do processo de produção. Com isso, ela revoluciona de modo igualmente constante a divisão do trabalho no interior da sociedade e lança sem cessar massas de capital e massas de trabalhadores de um ramo da produção para outro. A natureza da grande indústria condiciona, portanto, variação do trabalho, fluidez da função, mobilidade, em todos os sentidos, do trabalhador. [...]. (MARX, 1996, p. 114-15).

O modo de produção capitalista não conhece limites, se apodera de todos os ramos de produção da sociedade, por onde ele passa deixa rastros de miséria e fome, sua palavra mágica é “expropriação”. É assim que esse modelo social leva repentinamente a sociedade para o mais terrível caos.

Assim, está a vida do trabalhador na sociedade capitalista: condicionado, subordinado integralmente ao capital, essa é a “subsunção real do trabalho ao capital”. Ao trabalhador resta-lhe a luta e a expectativa de dias melhores. Os trabalhadores carecem apreender que não há outra saída para classe, a não ser o rompimento total com a sociedade capitalista. Para isso ela deve ser substituída por uma sociedade que valorize as potencialidades e a criação humana, e que esta última exista para servir aos homens e não o contrário.

### **Considerações finais**

As discussões mostraram como o trabalho enquanto categoria fundante do ser social foi desvirtuado na sociedade capitalista. Na manufatura introduz as primeiras alterações na forma de produção, aqui se dá a separação entre os meios de produção e o trabalhador, a compra da força de trabalho e a divisão do trabalho. O trabalho do artesão foi parcelado, e cada trabalhador passou a produzir apenas parte do objeto. Com a entrada da máquina o processo de produção é mais capitalizado. Nela realiza-se a total subordinação e exploração do trabalho ao capital.

O incremento na maquinaria gerou o barateamento da força de trabalho, por isso para continuar resistindo às mazelas causadas pela mesma o trabalhador passou a vender a sua força de trabalho e de toda sua família.

A introdução da força de trabalho imatura (como de mulheres jovens e crianças) deu-se porque o trabalho com a máquina não demandava mais força nem muita qualificação.

Com a maquinaria o trabalhador pode ser substituído e trocado a qualquer momento, também a sua função não depende do que ele sabe fazer, mas da necessidade da máquina.

Os incrementos e aperfeiçoamento dos instrumentos de trabalho na sociedade capitalista não servem para atender as necessidades da classe trabalhadora, mas ao capital.

Percebe-se que o capitalista vem conseguindo atingir os seus objetivos, através das mudanças na forma de produção. Faz isso ao apropriar-se das criações humanas a seu favor; ao incorporar a ciência e a tecnologia a seu bel prazer de dominação dos meios de produção.

A grande indústria consolida o modo de produção capitalista, revoluciona a forma de produzir ao modificar a relação do homem com o meio de trabalho, nela o trabalhador fica condicionado ao seu instrumento de trabalho, perde totalmente a sua autonomia e se transforma num mero assistente da máquina. Mas, enquanto que para o capitalista a produção automatizada cria condições da extração do trabalho excedente e conseqüentemente maior produção de riqueza. Gera na mesma intensidade a pauperização na vida do trabalhador, em todos os sentidos: no trabalho, na formação e na vida social.

Finalizamos afirmando que: enquanto a sociedade capitalista não for abolida, o trabalhador e toda a sua criação não estará a seu serviço, mas a serviço do capital, como aconteceu e vem acontecendo. Por isso, é imprescindível reafirmar que essa sociedade carece ser trocada por uma sociedade em que os homens estejam em primeiro lugar e não as coisas e suas criações.

## Referências

Gorz, André. Karl Marx: Da manufatura à grande indústria. In: Gorz, A. *Críticas da divisão do trabalho*. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

TEXEIRA, Francisco José Soares. A aparência do modo de produção capitalista: a circulação simples de mercadorias. In: TEXEIRA, F. J. S. *Pensando com Marx: uma leitura crítico-comentada de O Capital*. São Paulo: Ensaio, 1995.

MARX, K. *O capital: crítica da economia política*. Volume I - Tomo I. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

\_\_\_\_\_. *O capital: crítica da economia política*. Volume I - Tomo II. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

---

<sup>i</sup> Jane Marinho da Silva – Pedagoga – Mestranda/PPGE/UFAL/bolsa/CAPES

Grupos de pesquisa: Trabalho, educação e Ontologia Marxiana; Trabalho, Estado, Sociedade e Educação (Ambos vinculados ao PPGE/UFAL);

---

<sup>ii</sup> Joana D’Arc Ferreira de Macedo – graduada em Filosofia e Letras Professora de língua estrangeira moderna espanhol do ensino médio – Mestranda/PPGE/UFAL  
Grupo de Pesquisa: Estado, Políticas Sociais e Educação Brasileira – GEPE (vinculado ao PPGE – UFAL).